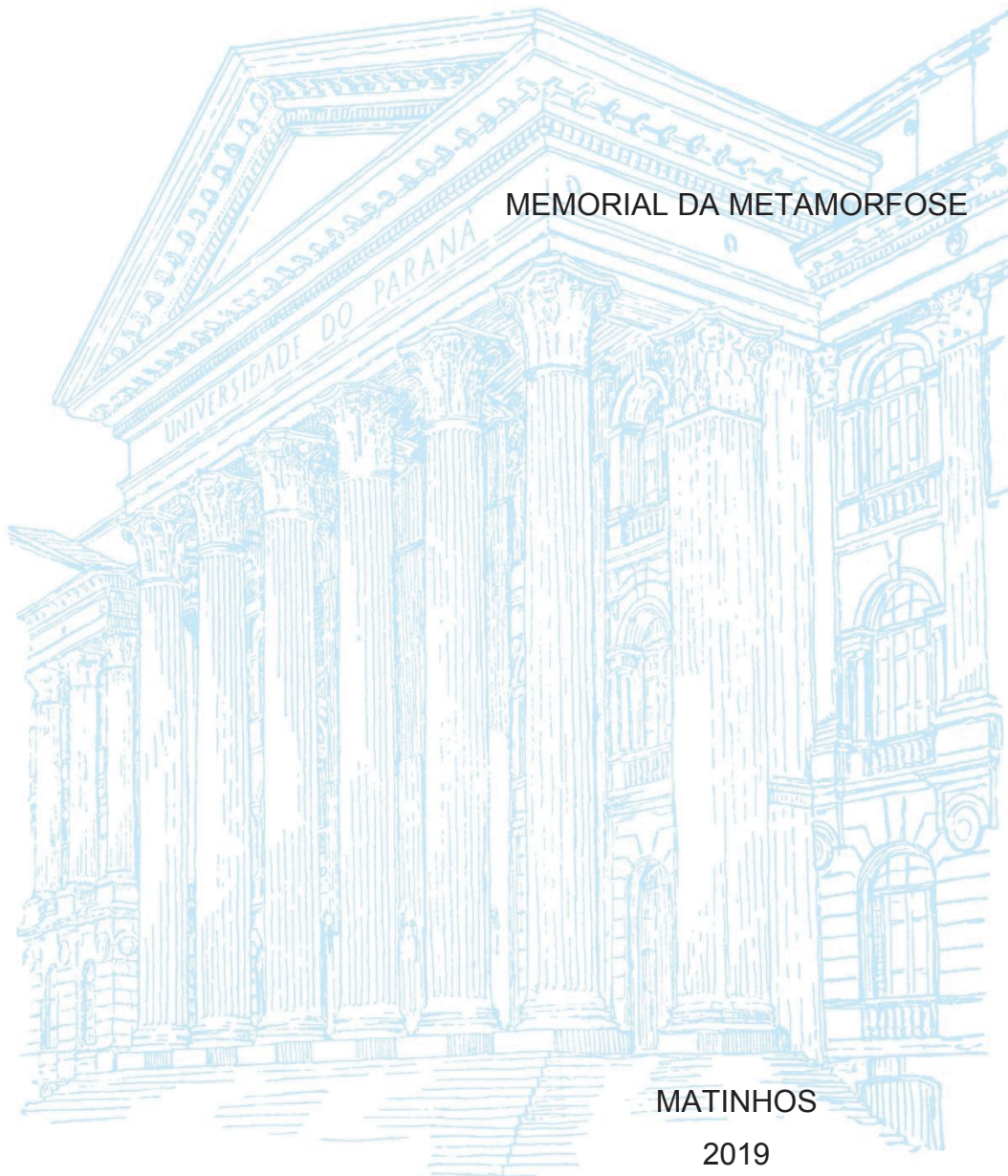


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

VANDRA FERETTI

MEMORIAL DA METAMORFOSE



MATINHOS

2019

VANDRA FERETTI

MEMORIAL DA METAMORFOSE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pós-Graduação em Alternativas para uma Nova Educação, setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Educação.

Orientador(a): Prof(a). Msc.(a). Susan Regina Raittz Cavallet

Co-orientadores: Josililian Alberton e Prof. Dr. Valdo José Cavallet

MATINHOS

2019

TERMO DE APROVAÇÃO

VANDRA FERETTI

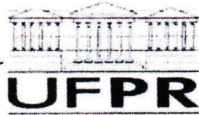
MEMORIAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pós-Graduação em Alternativas para uma Nova Educação, setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de obtenção do título de Especialista em Educação.

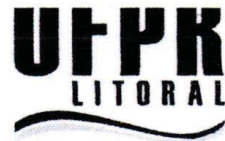
Orientador(a): Prof.^a Msc^a Susan Regina Raittz Cavallet

Coorientadores: Prof.^a Josililian Alberton e Prof. Dr. Valdo José Cavallet

MATINHOS, 06 DE DEZEMBRO DE 2019.



Ministério da Educação
Universidade Federal do Paraná
Setor Litoral
Curso de Especialização em Alternativas para
uma Nova Educação



TERMO DE APROVAÇÃO

VANDRA FERETTI

MEMORIAL DA METAMORFOSE

Monografia apresentada ao curso de Pós-Graduação em Alternativas para uma Nova Educação, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista.

Prof.ª Msc. Susan Regina Raittz Cavallet
Orientadora)

Prof.ª Esp. Josiliane Alberton
Coorientadora

Prof. Dr. Valdo José Cavallet
Coorientador

Vandra Feretti
Aluna

Matinhos, 06 de dezembro de 2019.

A metamorfose iniciou
Sem que o corpo sentisse... sem que eu decidisse.
Garganta secou... face molhou... prazer indescritível
Êxtase apropria-se da psique
Atitudes já são outras
Responsabilidade com outro
Utopia ... que nada
ANE início da jornada.
(Vandra Feretti)

RESUMO

O presente memorial narra minha trajetória no curso Alternativas para uma Nova Educação, inicia-se com sínteses sobre os encontros iniciados em 2018, onde descrevo a metodologia das aulas, o grupo de colegas de curso, as relações recíprocas de confiança e respeito fortalecidas pelo diálogo a cada encontro, as reescritas do projeto e ação. As provocações que motivaram minha desconstrução e resignificação não apenas como professora, mas também como sujeito que acredita na construção de uma sociedade com equidade, a admiração a cada professor e aluno desse curso que não vacila e faz a diferença em sua comunidade. Na verdade, não se é aluno do curso nos nós tornamos ANE e assumimos um real compromisso com a educação, sujeitos e sociedade. Amarra que não se desfaz essa mudança de atitudes é detalhada no relato feito sobre o que é ser aneano. Ao logo do memorial estão apresentadas as ações desenvolvidas pelos colegas, eventos, viagens, fragmentos de autores e professores que fazem parte da educação humanizada.

Palavras chaves: educação; transformação, compromisso.

ABSTRACT

The present memorial narrates my trajectory in the course Alternatives for a New Education, it starts with summaries about the meetings that started in 2018, where I describe the methodology of the classes, the group of classmates, the reciprocal relationships of trust and respect strengthened by the dialogue at each meeting, the rewrites of the project and action. The provocations that motivated my deconstruction and re-refinement not only as a teacher, but also as a subject who believes in building a society with equity, the admiration for each teacher and student of this course that does not falter and makes a difference in their community. In fact, if you are not a student of the course, we become ANE, and assume a real commitment to education, subjects and society. Strings that do not come undone, this change in attitudes is detailed in the report made about what it means to be anean. Throughout the memorial, the actions developed by colleagues, events, trips and fragments of authors and teachers that are part of humanized education are presented.

Keywords: education; transformation, commitment.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. TURMA DE PEDAGOGIA	4
Figura 2. FORMATURA PEDAGOGIA	4
Figura 3. IV CONANE - CELSO VASCONCELLOS	5
Figura 4. MESTRADO.....	6
Figura 5. RODA DE CONVERSA	8
Figura 6. IV CONANE - TEREZINHA RIOS.....	9
Figura 7. VIVÊNCIA NO SÍTIO RODA D'ÁGUA	11
Figura 8. DIÁLOGO COM EDUCADORES	14
Figura 9. MOSTRA DE PROJETOS.....	18
Figura 10. ABERTURA CONANE CAIÇARA	19
Figura 11. CONFERÊNCIA FELICIDADANIA NA EDUCAÇÃO	20
Figura 12. REVOADA DA PAZ.....	21
Figura 13. OFICINAS - CONANE CAIÇARA	21
Figura 14. TEATRO -	22
Figura 15. TECENDO SABERES	23
Figura 16 CURSO TECENDO SABERES	25
Figura 17 TURMA ANE 2019.....	27
Figura 18. METAMORFOSE.....	27

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANE – ALTERNATIVA PARA UMA NOVA EDUCAÇÃO

CEEBJA - CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA PARA JOVENS E ADULTOS

CMEI - CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL

CONANE - CONFERÊNCIA NACIONAL DE ALTERNATIVAS PARA UMA NOVA EDUCAÇÃO

ERER - EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

FAFIPAR - FACULDADE ESTADUAL DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE PARANAGUÁ

IFPR – INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ

LDBEN - LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL

MEC - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

PA – PROJETO APRENDIZAGEM

UFPR – UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

UNESPAR – UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ

SUMARIO

1 INTRODUÇÃO.....	1
2. MEMÓRIA DE VIDA	2
2 VIVÊNCIAS NO CURSO.....	6
3.1 APRENDIZAGEM POR PROJETO EM AÇÃO	17
3.2 CONANE – CAIÇARA	18
3.4 ARTE E EDUCAÇÃO	22
3.3 TECENDO SABERES	23
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS	28

1 INTRODUÇÃO

O curso Alternativas para uma nova educação, carinhosamente chamado de ANE, objetiva ir além do paradigma atual da educação. “Sua proposta e currículo são estruturados em documentos como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), no extinto Programa de Estímulo à Criatividade na Educação Básica (MEC), no Projeto Político Pedagógico do Setor Litoral e nas Conferências Nacionais de Alternativas para uma Nova Educação - CONANEs” (GONÇALVES, 2018).

De acordo com a Professora Lenir Maristela Silva, Coordenadora do Curso, o maior objetivo deste está em apoiar uma educação humanizada contra hegemônica que, além de levar em conta as demandas e desafios atuais da humanidade, assegure princípios e valores importantes que a educação bancária (hegemônica) não tem dado conta.

Entende-se como educação hegemônica aquela que oculta a realidade, ou seja, o ensino tradicional, do qual somos frutos, frutos do medo, dos traumas, das decorebas. A desocultação da mesma realidade seria a contra hegemônica, educação humanizada, isto é, uma educação para vida.

Para Maturana e Rezepka (2000) a tarefa da educação escolar humanizada é permitir o crescimento das crianças como seres humanos que respeitam a si próprios e os outros com consciência social e ecológica, de modo que possam atuar com responsabilidade na comunidade a que pertencem. Logo, cabe a escola a valorização da formação humana, a qual se marca pela diversidade, pessoas são diferentes, isso é a normalidade.

Os encontros presenciais ocorriam mensalmente no espaço da universidade, intercalados com ações produzidas pelos alunos do curso. Este memorial inicia-se a partir da minha vivência antes de ser ANE, posteriormente apresento reflexões, fotos dos encontros, vivências e conferências que participamos.

As considerações finais apresentam a mudança de atitude e principalmente a quebra do paradigma dominante. Os relatos são feitos em 1ª pessoa, pois são únicos e trazem junto a emoção sentida a cada momento.

2. MEMÓRIA DE VIDA

Desde as séries iniciais sempre estudei em escola pública parei de estudar aos 15 anos, quando saí de casa, aos 19 anos já era mãe e há tempos conhecia a violência doméstica.

Aos 21 anos em 1998 mudei-me para Matinhos, meu companheiro havia recebido uma proposta para trabalhar como zelador em um condomínio e eu fazia as limpezas. Amei essa cidade e me enchi de expectativas, consegui a autorização do meu marido, que permitiu que eu fosse para Curitiba uma vez por semana para realizar as provas e pegar apostilas da CEEBJA localizada na Rua Treze de Maio, posteriormente me informaram que havia esse supletivo em Paranaguá onde finalizei o 2º grau em 2000.

Nas andanças em Paranaguá observando prédios históricos vi que ao lado do Instituto de Educação havia uma “Faculdade de Filosofia e Letras de Paranaguá”, a qual atualmente recebe o nome de UNESPAR.

Fui até a secretária informei-me se era pública e se existia curso diurno, não poderia estudar à noite.

Em 2002 iniciei Pedagogia curso vespertino na FAFIPAR dedicava-me muito, até sabia ler e escrever, no entanto, os textos me pareciam incompreensíveis, as sínteses, fichamentos, relatórios, computador, pesquisa, salvar no disquete exigia um conhecimento prévio que faltava.

Realmente não me via como sujeito pertencente àquele ambiente, mas sabia que mudanças iriam acontecer.

Amava as aulas de Língua Portuguesa e amava ainda mais a Professora Lélis Gutierrez, naquela época não sabia que existia a expressão “Educação Humanizada”, porém senti o respeito e empatia que ambas tínhamos. Essa professora disse-me “você é muito boa deveria fazer Letras à noite, faça o vestibular de inverno”.

Passava quase todo meu dia na faculdade, às vezes não ia nenhum professor à tarde nem à noite, a biblioteca e os livros passaram a ser minha morada.

Para Maturana (2001) o futuro nunca é determinado pela origem, não é o meio que é central para o trabalho, e sim o que se quer fazer. O meio é sempre um domínio de possibilidades que podem ser usadas com maior ou menor

conhecimento do que pode ser feito com elas, mas é sempre uma questão de dedicação e estética alguém conseguir ou não as usar como deseja. Assim, nós não estamos aprisionados, não é o que fazemos, mas a emoção sob a qual fazemos o que fazemos. Nós, seres humanos, podemos fazer qualquer coisa que imaginamos se respeitarmos as coerências estruturais do domínio no qual operamos.

Aos poucos a educação foi me modificando e eu modificando o ambiente da minha casa e minhas relações familiares. A educação não deixou minha vida mais fácil, ela me possibilitou viver.

Carl Rogers (2009) afirma que se tornar pessoa significa derrubar as falsas frentes ou máscaras, os papéis, com os quais ela encarou a vida, primeiro coloca-se de lado as máscaras que até certo ponto se está consciente de estar usando. A pessoa aprende quanto do seu comportamento, dos sentimentos que vivencia não é real, mas sim constitui uma fachada, uma frente atrás do qual está se escondendo, descobre o quanto sua vida é guiada por aquilo que ele deveria ser, e não por aquilo que é, descobre ser uma resposta às exigências dos outros, sem um eu próprio pensa, sente, comporta-se de acordo com o que acredita que os outros desejam. Remover uma máscara que se acreditava constituir parte do seu verdadeiro eu, pode ser uma experiência profundamente perturbadora, porém quando o indivíduo passa a ter liberdade para pensar, sentir e ser, esse volta-se para essa meta. Logo, o indivíduo torna-se mais consciente da realidade, percebe nem todas as árvores são verdes que nem todas as experiências de fracasso provam que ele não é bom, e assim por diante. Agora, apto a assimilar a evidência em uma situação, como ela é, ao invés de distorcê-la para se ajustar ao padrão que ele anteriormente sustentava.

Em 2005 finalizei o curso de Pedagogia e em 2006 de Letras, fiz concurso para Agente Educacional do Estado. Assumi o concurso em 2008 e atuei cinco anos na área administrativa no Colégio Estadual Gabriel de Lara, ainda neste ano assumi outros concursos como Professora das séries iniciais, dos quais me exonerei e comecei a atuar na Coordenação Pedagógica.

Figura 1. TURMA DE PEDAGOGIA



TURMA DE PEDAGOGIA - 2005

FAFIPAR
ACERVO PESSOAL

Figura 2. FORMATURA PEDAGOGIA

FIGURA 2

FORMATURA DE PEDAGOGIA - 2005 - FAFIPAR
ACERVO PESSOAL

Enquanto escrevo esse memorial percebo que pouco tempo antes não possuía nem o domínio da leitura e escrita. E em 2008 já estava com duas graduações iniciando uma Pós na UFPR – LITORAL além de entrar em todos os concursos que prestarei.

Em 2008 tive experiências mais concretas em relação às problemáticas sóciopolítico-econômica quando iniciei o curso Questão Social pela Perspectiva Interdisciplinar coordenado pela Professora Giselle Ávila de Leal Meirelles, esse

objetivava oferecer maior consistência sobre a questão social, políticas públicas sociais, destacava-se a área social, especialmente no litoral paranaense.

Em 2012 deixei a tranquila área administrativa e assumi sala de aula no ensino fundamental séries finais, cheguei a me arrepender em alguns momentos, minhas leituras passaram a ser de livros didáticos, preparação de planejamento e avaliações, reproduzia exatamente o ensino tradicional de minha infância e adolescência. Era vista e elogiada na escola, mantinha a sala em ordem e em silêncio.

Utilizando as palavras de Celso Vasconcellos na CONANE (2019) – Brasília, eu produzia excelentes “pilotos de livro didático”.

Figura 3. IV CONANE - CELSO VASCONCELLOS



IV CONANE - BRASÍLIA - UNB
FOTO: Acervo pessoal

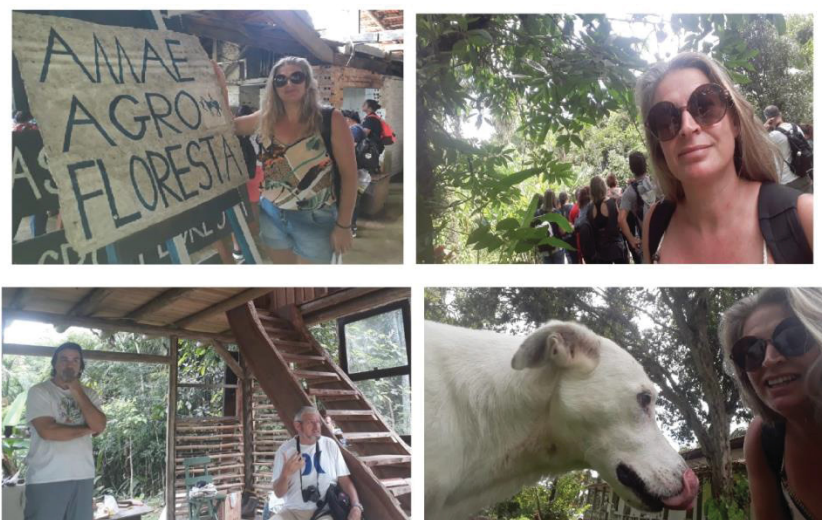


IV CONANE - CELSO VASCONCELLOS
FOTO: Acervo pessoal

Em 2015 voltei para a Universidade com o objetivo de aprender novas metodologias, fiz uma capacitação avançada, posteriormente o ERER na UFPR e em 2018 iniciei a ANE.

Atualmente, faço Mestrado na UFPR – LITORAL turma de 2020, utilizei os autores, experiências, vivências da ANE na produção do Projeto, prova escrita e entrevista tendo êxito e passando pelo processo seletivo. Sem dúvida esse grupo de amigos e professores que deram início à ANE são pessoas solidárias que atuam com sabedoria, conhecimento modificando contextos e provando que educação de qualidade não é utopia

Figura 4. MESTRADO



08/03/2020 - Aula De Campo - Agrofloresta -
 Mestrado - PROFICIAMB
 PROFESSORES - LESAMA E JACOB
 FOTO: Acervo pessoal

Encontrei um grupo que valoriza a escola pública e a emancipação do sujeito. A UFPR proporcionou-me saídas de campo, troca de experiências, participação na CONANE eventos e ações que descreverei na sequência desse memorial.

2 VIVÊNCIAS NO CURSO

Nosso primeiro encontro ocorreu em primeiro de setembro de dois mil e dezoito, fez-se a grande roda a qual seria utilizada durante todos os encontros seguintes, houve um espaço de tempo destinado às apresentações, esse em especial foi o que mais chamou minha atenção, pois ainda não tinha encontrado um grupo tão diverso em todos os sentidos, havia alunos das áreas: cinematográficas, teatrais, educacionais, administrativas, educação do campo, indígena, educação nas ilhas, líderes comunitários, alunos negros, brancos, autistas, transexuais, pessoas vindas de diversos estados como São Paulo, Santa Catarina e mesmo os do Paraná vinham de Guaraqueçaba, Guaratuba, Pontal do Paraná, Campo Largo, Colombo, Morretes, Antonina, Ilha do Mel, Matinhos, também a faixa etária da turma não seguia nenhum critério ou formação acadêmica. Além dos matriculados, esses com graduação, no encontro as aulas podiam ser assistidas por qualquer pessoa

que tivesse interesse ou convidado pelos alunos, havia bebês, crianças, acadêmicos colegas de alunos e alunos da 1ª turma da ANE, os quais já haviam concluído o curso.

O processo seletivo utilizado na formação da turma possibilitou que sujeitos de diferentes áreas realizassem uma rica interação social, com trocas de experiências, conhecimentos e habilidades. A metodologia utilizada na roda proporcionava a relação face a face, permitindo a construção da confiança, respeito e amizade, tais vínculos afetivos fortaleciam-se não apenas nos encontros como também nas ações ou no próprio trajeto das viagens.

Paulo Freire (1987) afirma que o diálogo autêntico se caracteriza pelo reconhecimento do outro e reconhecimento de si, no outro, na decisão e compromisso de colaborar na construção do mundo comum. O diálogo pressupõe a fé no outro, fé em fazer, refazer, criar, recriar. Sem fé nos homens o diálogo é uma farsa.

Acredito que esse era o objetivo da grande roda: fortalecer as relações de confiança e respeito além de compartilhar ações utilizadas para a emancipação do sujeito entre os ananos. Ainda citando Freire a “confiança implica no testemunho que um sujeito dá aos outros de suas reais e concretas intenções. Não pode existir, se a palavra, descaracterizada, não coincide com os atos” (FREIRE; 1987; p.52).

Figura 5. RODA DE CONVERSA



Roda de conversa mediada pelo Prof^o Valdo Cavallet em 11 de novembro de 2019.
Foto: Samyra De Lourdes Stephan

Outra característica marcante do encontro são as citações de autores de uma educação humanizada, essas fundamentavam o diálogo, e soavam como versos poéticos que tocam a alma.

Ainda neste dia o Professor Valdo fez uma explanação sobre os princípios da ANE: Responsabilidade (com o dinheiro público, a educação e nossos sonhos) Solidariedade e Autonomia.

Pela primeira vez ouvi dizer sobre as Interes do curso: interexperencialidade, interterritorialidade, intergeracionalidade, interinstitucionalidade, interdisciplinaridade e interculturalidade. Logo, estabeleci as primeiras relações entre a turma e as interes.

Ao final do encontro questões que geram inquietação são deixadas em aberto apenas para reflexão: “Como humanizar... sensibilizar... pluralidade de caminhos... estudantes protagonistas... autonomia do aluno”.

Para a Professora Terezinha Rios a reflexão objetiva um retorno, uma volta ao pensamento com a intenção de olhá-lo de maneira diferente do que se fazia antes, tendo mais distância e submetendo-o a uma análise mais detalhada. Pensar ocorre com frequência, mas a reflexão ocorre a partir de uma inquietação, obstáculo ou problema. O problema caracteriza-se pela impossibilidade imediata de resposta sem condição de fazê-lo. “A reflexão pode não nos trazer um conhecimento novo, mas nos auxilia ver de um jeito novo o já conhecido, a retomar o caminho para seguir adiante com olhar alargado” (RIOS, 2008; p.81).

Figura 6. IV CONANE - TEREZINHA RIOS



IV - CONANE - BRASÍLIA - junho 2019.
Professora Terezinha Rios
acervo pessoal

O nosso segundo encontro ocorreu dia 06/10/18 mediado inicialmente pelo Professor Valentim, um sujeito único que ao longo do curso contribuiu de maneira significativa com minhas mudanças atitudinais em sala de aula, lembro-me que ao ler um de seus textos “ falso rompimento de paradigmas” classificava-me como uma professora à frente, uma vez que propunha novas ações e meus alunos constantemente destacavam-se e ganhavam premiações. Reli o mesmo texto pela segunda, terceira ou quarta vez até que um ano após o início dos encontros me vi como um sujeito que apenas apresenta um falso rompimento com os paradigmas dominantes.

Uma onda de emoção ou sensações apropriou-se de mim composta de metades: metade vergonha, metade tentativa, metade recomeço, metade cansaço, metade sem rumo, metade com vários possíveis caminhos, tantas metades, tantos fragmentos, tantos pedacinhos que se ressignificam, se acomodam formando um professor, um ser humano, um coordenador, uma mãe, uma mulher disposta a reescrever, reiniciar e recriar um projeto até então “perfeito ... aplicado...analisado... escrito e finalizado”.

Revejo as anotações feitas ainda neste segundo encontro, e reflito como posso ter levado tanto tempo para ver além do tecido que envolve minha realidade.

Destaco as citações apresentadas nesse encontro: “Escolhemos ver o mundo pelo lado bom ou ruim, retirar de tudo que se observou o que foi de bom, diferentes olhares a cada vivência... a vida nos dá diferentes opções de empoderamento ...

distanciamento entre o querer, o desejar e o poder” (SILVA,2018; informação verbal).

Ainda nesse encontro fizeram-se considerações utilizando citações de Paulo Freire, autor utilizado, durante todos os encontros “Não é possível fazer uma reflexão sobre o que é educação sem refletir o próprio ser humano... como somos constituídos, uma vez que, educar é um ato consciente?... como se formou aquilo que sou?... Consciência X informação ... Consciência exige uma tomada de decisão, mudança de atitude. Mudança não é apenas deter informação é utilizar saberes com a capacidade de transformação isso é um ato político. Cada um lê com os olhos que tem, traduz de onde os pés pisam, todo ponto de vista é a vista de um ponto. Experiências nos transformam nos modificam. Podemos ser arquitetos de nosso próprio destino, temos condições de mudanças e transformações se efetivam.” (informação verbal professor Valentim).

Na verdade poderia escrever páginas e mais páginas sobre a explanação feita pelo professor Valentim, quando elogiado, ele se diz plagiador de outros, mas suas palavras embelezam a educação.

Ainda neste dia, no período vespertino, fez-se uma primeira atividade em grupo, a qual posteriormente seria compartilhada com a grande roda. Os grupos discutiam sobre o desafio ANE “Ressignificar a vida, quais conteúdos realmente se deve aprender para vida... desfrutar dessa única e incrível experiência chamada vida. Como valorizar cada um e realmente atender aos anseios e desejos do humano? Como atender a diversidade de todos? Quais valores destacamos em sala hoje?” Questões que aos novos alunos ANE, representavam uma tarefa que obrigatoriamente deveria ser respondida. No entanto, a troca de experiência ia aos poucos reformulando e acrescentando, ao final o exercício proporcionou reflexões singulares a cada participante.

O terceiro encontro ocorreu em 10/11/18 Laila de Heliópolis compartilhou conosco seu Projeto referente ao bairro Educador, Valquíria fez uma abordagem com ênfase na autonomia e protagonismo do aluno, exemplificando ações de ambientes sem paredes ou roteiros escolhidos pelos alunos. Aos poucos os colegas de curso destacavam pontos positivos sobre seus projetos, compartilhando sugestões que enriqueciam o coletivo. Processos alternativos com ações sólidas que acontecem calmamente sem atropelos. Também fomos convidados para dia

14/11, quarta-feira iramos vivenciar uma ação “Construindo Comunidades de Aprendizagens” na Ilha dos Valadares em Paranaguá.

Essa foi a primeira vivência de ações propostas pela ANE, não há palavras para definir a grandeza desse momento ocorrido na Ilha dos Valadares, foi uma experiência que envolveu a todos, percebi o significado e significando do termo “solidariedade” repetido em nossos encontros pelo professor Valdo.

Segundo Morin (2003; p. 128) o sujeito não é apenas ator, mas autor, capaz de cognição/escolha/decisão. A sociedade é um mecanismo de confronto/cooperação entre indivíduos sujeitos, entre os “nós” e os “Eu”. Nesse sentido, a importância das vivências encontra-se na ação vivida, no encontro consigo ou com o grupo, momento de ressignificação, percepção, autoconhecimento, enfim uma vivência que possibilitou envolvimento mais fundo com novas atitudes, dando início ao rompimento com o modelo de aprendizagem existente no tradicionalismo, que fala e não faz.

O último encontro de 2018 ocorreu no Sítio Roda d’Água em Matinhos, o dia foi repleto de atividades dinâmicas que objetivavam desafios coletivos e a construção de um espaço de relações. Neste dia tive o privilégio de participar das atividades e uma delas forá mediada pela Professora Susan uma dos mais belos seres que encontrei sensível, gentil e amável .

Figura 7. VIVÊNCIA NO SÍTIO RODA D'ÁGUA



VIVÊNCIA NO SÍTIO RODA D'ÁGUA
Foto: Samyra De Lourdes Stephan

Iniciamos 2019 com a mediação do Professor Valdo realizando uma reflexão sobre a mudança de atitude em cada um, após as vivências de 2018.

Para Vasconcellos (2003) as mudanças ocorrem quando o ser humano assume um compromisso com a causa, reflexão, elaboração teórica, afetividade e querer. A mudança requer solidariedade, uma vez que vivemos em contextos históricos, os quais limitam nossas ações. A mudança transformadora compreende a valorização das práticas existentes, criação de novas práticas e postura crítica. Essa nasce da reflexão, observação e criatividade. Exige um novo plano de ação fruto da percepção e clareza da finalidade, a mudança não refere-se a técnica, mas é uma mudança de paradigma, posicionamento, visão de mundo e valores.

Esse foi um dos momentos mais delicados do curso para mim, havia aplicado meu projeto em 2018 intitulado “Aprendizagem por Projetos no Ensino Fundamental” com turmas de 9º ano, estava morando em Colombo com licença médica de três meses, para cuidar de minha mãe que lutava contra um carcinoma de laringe. As incertezas eram muitas, tinha consciência sobre o Projeto ser um falso rompimento com os paradigmas dominantes, pois escrevi o projeto antes de ser ANE, agora o olhar era outro.

Enviei o Projeto à Professora Susan, ela afirmou que estava muito bem escrito, no entanto, não contemplava a essência ANE, sugeriu que eu procurasse alguma escola em Colombo e refizesse o Projeto utilizando os autores que abordávamos durante os encontros e leituras. Não foi possível a aplicação do Projeto em Colombo, pois a doença de minha mãe agravara-se e eu raramente saía de casa.

Mesmo diante de tantas incertezas dei início a um novo estudo ainda dentro da Aprendizagem por Projetos fundamentado agora em Paulo Freire, Vasconcellos, Terezinha Rios, Morin, Hernandez e Maturana.

Morin aborda o princípio da incerteza psicológica, discorre sobre a impossibilidade de ser totalmente consciente do que se passa em nossa mente, que conserva em si o inconsciente, apresentando uma dificuldade de autoexame crítico, onde a sinceridade não é garantida, pois há limites no autoconhecimento. Para o autor a realidade não é outra senão nossa própria ideia de realidade. Assim, o autor define a vida e o conhecimento como uma “navegação em um oceano de incertezas, entre arquipélagos de certeza” (MORIN;2014).

Retornei a Matinhos em julho uma semana antes das férias escolares, iniciei aplicação de um novo Projeto mais humano e solidário reconhecendo a singularidade de cada sujeito e sua relação com o ambiente.

Arraial e Calloni (2015) afirmam que o ser humano é ao mesmo tempo múltiplo e singular, alimenta-se tanto do presente como das ilusões. O viver implica ao ser compreender a vida em todas as possibilidades analisando posturas, convicções e até mesmo alterando sua relação com os outros e o mundo. A partir da consciência de si, dos seus erros e acertos, pode compreender os outros.

A consciência de si, de seus atos e de suas convicções, conduz a uma autoanálise, cuja prática direciona à alteridade. É através desta autoanálise que nos dirigimos aos princípios necessários para uma vida em sociedade.

O ser humano é único e singular, mas nunca individual ou só, um ser humano que se inclui no nós e no mundo, na natureza, que reaprende a viver, amar e partilhar pertencente e indissociável do outro e do planeta.

Ao final de junho participamos da IV CONANE NACIONAL em Brasília, durante três dias tivemos o privilégio de assistir palestras incríveis, participar de oficinas e trocar experiências com educadores representantes de todos os Estados Brasileiros.

Durante a IV CONANE na UNB assistimos a uma apresentação do Professor Valentim que abordava as formas de avaliação na UFPR- LITORAL dando ênfase ao PA - Projeto Aprendizagem o qual contribuiu com o Projeto que estava desenvolvendo em Matinhos além de oficinas voltadas à mesma temática.

Também se torna importante destacar as interações presentes como: inter territorial contemplando pessoas dos mais diversos estados brasileiros, inter experiencial, a qual ocorreu não só no evento como fora da UNB, a participação nas oficinas, durante a apresentação dos projetos, durante a estadia no chácara e com colegas que ofereceram pouso solidário e principalmente no retorno ao Paraná.

Durante uma dinâmica no ônibus, os colegas mudavam de lugar a cada 5 minutos e assim tínhamos a oportunidade de ouvir os relatos de quem apresentou projeto, dos monitores, auxiliares e apoios, inter geracional pela convivência no ônibus com jovens acadêmicos ou professores e intercultural Educação Indígena, Educação Quilombola, Educação e Gênero, Educação Inclusiva, Educação e Juventude Negra e Educação infantil.

Nesse evento conhecemos os Professores José Pacheco, Sonia Goulart, Celso Vasconcellos, Terezinha Rios, os quais palestram com a temática “momento de re-existência na educação Brasileira – A alegria de educar”

Figura 8. DIÁLOGO COM EDUCADORES



IV CONANE - TEREZINHA RIOS, CELSO VASCONCELLOS E PROFESSOR VALDO JOSÉ CAVALLET

Foto: Samyra De Lourdes Stephan

O diálogo entre esses três grandes educadores propunha o rompimento com as concepções pedagógicas enrijecidas, tradicionais e carregadas de paradigmas meritocráticos e competitivos com práticas verticalizadas que transmitem sem troca de saberes, onde o aluno não participa do processo, não relacionando o conteúdo a vida.

Para Cavallet (2000) a formação deve ser para vida inserindo-se, compreendendo e transformando o mundo, os educadores devem ter uma visão crítica, interdisciplinar e cooperativa proporcionando integração entre as pessoas.

Durante a CONANE as rodas de conversa foram o ponto alto do evento: Educação e Gênero, Educação Infantil de 0 a 6 anos além da contribuição coletiva para a Proposta de Políticas de Ensino Médio com a mediadora: Helena Singer.

A CONANE - Conferência Nacional de Alternativas para uma nova Educação enriqueceu o Projeto pensado para ANE, esse foi construído e reconstruído visando à inclusão social, garantindo a participação de todos na sociedade, independente da classe social, da condição física, da educação, do gênero, da orientação sexual, da etnia, entre outros.

Nessa perspectiva, unir teoria e prática no cotidiano da escola reflete-se em uma inclusão de amplo sentido, ou seja, a inserção de todos no mundo da aprendizagem significativa independente das facilidades ou dificuldades dos alunos, pois a construção de uma sociedade equívvel reconhece cada aluno em sua singularidade.

A aprendizagem por projetos rompe com a educação bancária, na medida em que sua proposta articula pesquisa, ação, intervenção e autonomia do aluno. Nesse sentido, essa metodologia ativa ressignifica as ações de ensinar e aprender da escola.

Freire (1987; p. 12) afirma que não há docência sem discência, docência com sentido de ensinar e discência de aprender, logo, quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Nessa perspectiva, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção ou a sua construção”.

Criar possibilidade de produção ou construção de conhecimento implica em pensar de forma crítica. Hernández (1998) esclarece que o pensamento crítico requer significação a informação envolvendo-se ao processo de ensino-aprendizagem ao analisar, sintetizar, propor soluções e relacionar o conceito científico com a prática social. Assim, o professor atua como mediador, pois aprende, ensina, utiliza teoria e prática, não se privilegia estratégias de memorização, instiga o interesse do aluno, a aprendizagem ocorre por meio de inúmeras possibilidades, interdisciplinaridades e resolução de problemas.

Freire (1987; p.9) deixa claro suas inquietações ao defender “a prática educativo-progressista em favor da autonomia do ser dos educados”, a autonomia do educando faz-se superando o treinamento no desempenho de suas destrezas. Por sua vez, a proposta progressista visa à transformação social por meio da educação.

A aprendizagem por projetos propicia ao aluno questionar e inter-relacionar os conceitos de sala de aula com sua prática social posicionando-se e interferindo nas realidades sociais de sua comunidade.

Em suma, a aprendizagem por projetos propõe a problematização da realidade social vivida pelo aluno, uma tomada de posição, uma forma de intervenção, supera o conhecimento de fatos passando a entender as complexas relações que regem o espaço social. O mediador fomenta a autonomia intelectual do

aluno, esse passa a ser protagonista do seu aprendizado, rompe com o paradigma dominante, o qual colocava o professor como sujeito que ensina, observa-se a clara mudança, o mediador não faz definições e classificações de conteúdos, esse contextualiza por meio do diálogo as problemáticas sociais para além do senso comum, instigando a percepção do aluno quanto às variações de estruturas entre as sociedades refletidas nas condições econômicas, políticas, culturais e sociais.

Freire (1987; p.13) afirma que “ensinar exige rigorosidade metódica”, ou seja, exigem-se educadores e educandos criadores, instigadores, inquietos e persistentes. Não se aborda conteúdos de forma superficial exige-se aprofundamento e pesquisa, Hernández corrobora (1998) com Freire ao reforçar que aprender a pensar criticamente requer dar significado à informação, analisá-la, sintetizá-la, planejar ações, resolver problemas. Nessa perspectiva, ensinar e aprender implica na formulação de um conhecimento novo por meio da pesquisa comprometida.

A aprendizagem por projetos sugere uma concepção de educação e escola que privilegie:

A abertura para os conhecimentos e problemas que circulam fora da sala de aula e que vão além do currículo básico; a importância da relação com a informação que, na atualidade, se produz e circula de maneira diferente do que acontecia em épocas recentes; os problemas que estudam os saberes organizados; a importância de saber reconhecer “os lugares” dos quais se fala; o papel do professor como facilitador (problematizador) da relação dos alunos com o conhecimento, processo no qual também o docente atua como aprendiz; a função dos registros sobre o diálogo pedagógico que acontece na sala de aula e em diferentes cenários, para expandir o conhecimento do aluno e responsabilizá-lo pela necessidade que tem de aprender dos outros e com os outros; a avaliação que passa a fazer parte das experiências substantivas de aprendizagem, na medida em que permite a cada aluno reconstruir seu processo e transferir seus conhecimentos e estratégias a outras circunstâncias e problemas (HERNÁNDEZ 1998, p.89).

Nesse sentido, a aprendizagem por projeto para Freire (1987) exige que o professor leve a sério sua profissão o respeito no ambiente escolar só se dá em meio a relações justas, sérias, humildes generosas, em que tanto o professor como o aluno assumem eticamente as suas atitudes e responsabilidades. Pois, ensinar

exige respeito aos saberes dos educandos a sua realidade, ensinar exige criatividade transformando a prática educativa em curiosidade crítica, ensinar exige estética e ética, ou seja, o ato de educar acompanha a decência e a beleza, ensinar exige a corporeificação das palavras pelo exemplo, assim, não se deve favorecer situações de conflito, pensar certo é fazer certo, ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação, seja ela de etnia, classe ou gênero, ensinar exige reflexão crítica sobre a prática, deve-se possibilitar através da reflexão sobre a prática, que a curiosidade ingênua vá se tornando crítica. Ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural, mas sim como respeito fundamental na prática educativo-progressista. Ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou construção. Ensinar exige consciência do inacabamento próprio dos seres humanos. Ensinar exige o reconhecimento de ser condicionado. Homens e mulheres se tornaram educáveis na medida em que se conheceram inacabados. É na consciência da inconclusão do ser, movido por um processo social de busca, que se fundamenta a educação e a produção do conhecimento. A minha presença no mundo não é a de quem nele se adapta, mas a de quem nele se insere. Ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando, o professor que desrespeita a curiosidade, os gostos e a linguagem do educando, oprime o seu direito a liberdade e menospreza o seu espírito aventureiro movido pela curiosidade. Ensinar exige bom senso como seriedade e a retidão.

3.1 APRENDIZAGEM POR PROJETO EM AÇÃO

O projeto aplicado sobre a mediação da Professora Susan objetivou fomentar a autonomia desafiando-nos a ser protagonista de nosso conhecimento no processo de produzir, de levantar dúvidas, de pesquisar e de criar relações, que incentivam novas buscas, descobertas, compreensões e resoluções de problemas na sua prática diária.

O projeto foi aplicado durante o segundo semestre a noventa alunos dos nonos anos do Colégio Estadual Gabriel de Lara em Matinhos, tivemos o apoio da colega de curso ANE a professora Keila Lopes finalizamos o trimestre com uma mostra de projetos organizada pelos alunos do colégio.

Figura 9. MOSTRA DE PROJETOS



Foto: Acervo pessoal

3.2 CONANE – CAIÇARA

Em dezembro de 2019 na cidade de Matinhos ocorreu a CONANE – CAIÇARA , foram três dias de intensa movimentação e aprendizagem. O evento foi organizado pela ANE e contou com o apoio do grupo, participei junto com a professora Simone do Projeto Saberes na abertura e posteriormente do encontro com a juventude. Para a abertura reuniram-se professoras representantes de todas as escolas e CMEIs municipais, além de 50 crianças de 3 a 5 anos em uma apresentação única em seguida iniciou-se a conferência realizada pela Professora Terezinha Rios, as falas ao longo dessa tarde complementavam-se em harmonia perfeita com a participação dos professores Justo Méndez Aramburu (Porto Rico) e Maria Thompson (Argentina) Valdo Cavallet e Sônia Goulart .

Figura 10. ABERTURA CONANE CAIÇARA



*Abertura da
CONANE -CAIÇARA
2019*

*apresentação
realiza por
representantes
das escolas, Cmeis
municipais e 50
crianças de 3 a 5
anos.*

FOTO: Samyra De Lourdes Stephan

A abertura do evento destacou-se pela solidariedade dos sujeitos, unir um representante de cada escola e CMEI do município foi emocionante, principalmente pelo momento histórico em que vivemos marcado pela competição e individualidade.

Para Morin (2015) a pessoa faz parte da totalidade, todos devem dar sua contribuição mesmo que pareça pequena, isso dá a coragem, nada é estabelecido para sempre, a vida pode ser trágica e também magnífica. O autor discorre sobre a ética da religação, a qual entrelaça todas as formas de vínculos e fraternidade para a reconstrução individual e coletiva. Nos indivíduos, as forças de religação acontecem a partir da responsabilidade, da iniciativa, da cooperação e compromisso.

Figura 11. CONFERÊNCIA FELICIDADANIA NA EDUCAÇÃO



FOTO: Samyra De Lourdes Stephan

Conferência "Felicidadania na Educação"
Professora Terezinha Rios - CONANE -2019

Terezinha Rios inicia sua fala tocando o coração dos presentes em uma viagem de buscas, encontros e motivações para reacreditar na educação. Levanta questões existenciais e instigantes a qualquer pessoa como: o que é a vida? Qual seu significado? Quais as crenças em relação à Educação? Como educador, o quanto você realmente acredita em seu trabalho?

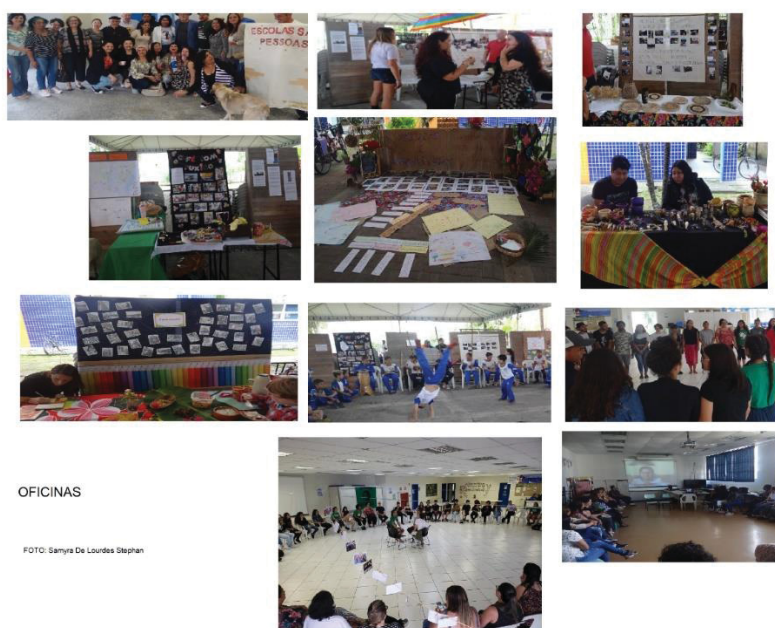
Para Terezinha qualquer pessoa deve agir com entusiasmo “colocar vida na vida”, ou seja, colocar felicidade, amor, paz em todas suas ações, ter consciência de si, do outro da reciprocidade. Não há razão em Ter, se não há um Ser que o fundamenta. O Ser espiritualizado devolve a ternura à Educação. Ser feliz é ter prazer em Ser Professor e se colocar no que se faz. “Felicidadania” é a felicidade que só se vivência na coletividade.

Figura 12. REVOADA DA PAZ



A Caminha realizada pela comunidade acadêmica, moradores e visitantes, foi muito além de um mutirão de limpeza, trouxe lembranças recheadas de emoção traduzidas na sensação de pertencimento, onde o sujeito deixa de ser dono e passa a fazer parte do ambiente, parte do Sol que nos acompanhou pelo trajeto, parte das árvores que margeavam todo caminho a nos presentear com sua sobra refrescante, parte que ora influencia e ora era influenciada pela natureza.

Figura 13. OFICINAS - CONANE CAIÇARA



3.4 ARTE E EDUCAÇÃO

Figura 14. TEATRO -

ARTISTAS E ALUNOS ANEANOS QUE PARTICIPARAM DOS ESPETÁCULOS NA CONANE CAIÇARA - 2019



Espectáculo: O Ninho
 Direção / Sonoplastia / Iluminação: Paulo Ricardo D'Carvalho
 Elenco: Breno Oberdan, Daiane Araripe, Nicolas Sitis, Vinicius Mesquita, Yanka Moroski.
 Fotografia: Guilherme Prebianca



SILVANA

MARCILENE MORAES

FOTO: Sanyia De Lourdes Stephan

NINHO

Arte e Educação ou Educação e Arte?

Artistas educadores ousados ou Educadores artistas inconformados?

No palco ... diluem diálogos ... aquecem histórias

preenchem sentidos viram-nos do avesso

Overdose de som, luz, sabor, odor, dor e cor.

Inovam o real ... renovam o espiritual.

Solidários criativos ou criativos solidários?

Aneanos transgridem rotina... ignoram desconfianças.

Superam as incertezas das escolas desconexas

Entrelaçam-se no ninho... nos enlaçam na Arte

Grito no silêncio da resposta sem palavras

Atinge o sublime e transforma o humano.

Simplesmente ANE - Vandra Feretti

Figura 15. TECENDO SABERES



3.3 TECENDO SABERES

Participar dos Projetos de ação ANE serviram como uma alavanca propulsora em minha carreira acadêmica. Durante os encontros ANE a Professora Keila Cássia Santos Araújo Lopes propôs encontros intitulados “Tecendo saberes com educadores do campo, da cidade e agentes de desenvolvimento local - Educação e Agroecologia, o referido curso em Educação e Agroecologia tinha como proposta principal fortalecer, fomentar e contribuir com iniciativas de desenvolvimento local, corroborando com a transição agroecológica do campo, das cidades, das escolas, dos municípios e dos respectivos territórios dos educandos do curso de extensão.

Tivemos um total de sete encontros presenciais que ocorriam mensalmente além das atividades “tempo comunidade” a serem aplicadas em nossa prática diária, nos encontros a temática versava sobre a diversidade de experiências, ideias, pensamentos, saberes e percepções advindas das diferentes áreas do conhecimento e das vivências dos educandos e educandas, mapeando e problematizando as realidades locais dos espaços escolares e das comunidades/territórios para, posteriormente, desenvolver práticas e ações educadoras pautadas nos princípios da Agroecologia, da Educação em Agroecologia, da Educação Popular, da Educação do Campo e da ANE (Alternativas para uma Nova Educação), visando a transformação de seus territórios e a construção de iniciativas e bases que culminem numa sociedade mais sustentável.

Utilizava-se a pedagogia da alternância, em que vários professores dividem a regência dos encontros, durante esses seis meses refiz meu planejamento como professora de Língua Portuguesa, abandonei os livros didáticos e levei para sala assuntos atuais voltados à preservação ambiental, às boas práticas e respeito ao outro. Minhas aulas tornaram-se mais dinâmicas, a utilização do diagnóstico sócio ambiental participativo contribuía ricamente às produções textuais e pertencimento ao ambiente.

Passei a olhar de forma diferente as questões ambientais, consumismo, produção de resíduos, esses temas foram utilizados na Aprendizagem por Projeto, gerando 25 projetos voltados para o meio ambiente e desigualdade social na cidade de Matinhos, também se torna importante destacar que o número de aprovados no concurso para egressos do fundamental no IFPR de Paranaguá superou as expectativas a prova de redação teve como tema “Redes sociais e depressão nos jovens” assunto atual que havia gerado debates, rodas de conversa e produção de síntese em sala de aula, logo esses alunos estavam bem preparados.

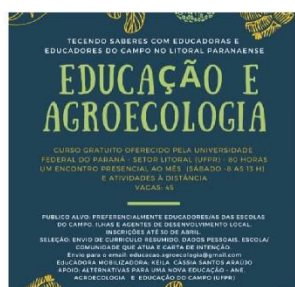
Utilizei ações produzidas no espaço tempo comunidade, o material disponibilizado no curso, as falas de professores colaboradores : Gilson Walmor Dahmer, Paulo Rogério Lopes Maio, Marcos Sorrentino entre outros , na elaboração do material para o processo seletivo de mestrado.

Figura 16 CURSO TECENDO SABERES

FIGURA 13

CURSO - TECENDO SABERES - ANE
MEDIADORA - PROFESSORA KEILA

As aulas ocorriam em forma de roda

Encontro na universidade
Diagnóstico participativo

Encontro ; Tecendo Saberes - junho 2018



FOTO: Samyra De Lourdes Stephan

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivenciar ANE é permitir-se amar, é ver o outro em sua totalidade pertencente a inúmeros contextos, significa respeitar aquele que aprende, fomentar sua autonomia, superar práticas escolares que visam competição, valorizar a cooperação, é ver o erro como oportunidade de mudança, ser ANE é intrínsecar Paulo Freire, dialogar com Humberto Maturana, refletir com Edgar Morin, colocar em prática Celso Vasconcellos e se alegrar com Terezinha Rios. Enfim, quando se experimenta dessa poção, não se permite voltar ao individualismo, ser ANE é contribuir na construção de uma sociedade justa e solidária.

Terezinha Rios (2013) utiliza o termo “felicidadania” para nomear a realização do bem comum, conhecido como sociedade justa e solidária, a realização buscada pelo ser humano ganha sentido na coletividade, a realização do bem comum é a finalidade da vida dos indivíduos em sociedade.

Maturana (2001) enfatiza amor na vida dos indivíduos, ou seja, o amor é a emoção que funda o social, a emoção do amor é constitutiva da aceitação do outro, o amor não tem nada de especial, é cotidiano, é tão inevitável que quando eu quero manter uma luta tenho que treinar os participantes da luta a negar o amor. Amar e querer bem a humanidade, sem discordância, quando se fala de discordância entre a teoria e a prática, desvaloriza-se a teoria e valoriza-se a prática. O viver com ele na aceitação, no amor, não é educá-lo, não é dizer-lhe: "Isto não é bom", mas é dizer-lhe que isto não é bom na aceitação, ou seja, assumir a presença do outro junto a si no momento em que se faz a correção.

Não posso falar em amor e humanização sem citar Freire(2018), para ele o amor é a alavanca propulsora ao diálogo, esse não existiria sem o amor profundo pelo mundo e pelos homens, o amor no diálogo une sujeitos responsáveis, o amor é um ato de coragem de engajamento em relação aos outros homens. O diálogo pleno de amor produz confiança mútua e colaboração, a falta de amor produz o opressor, a verdadeira solidariedade encontra-se na plenitude do amor, em sua existencialidade, em sua práxis.

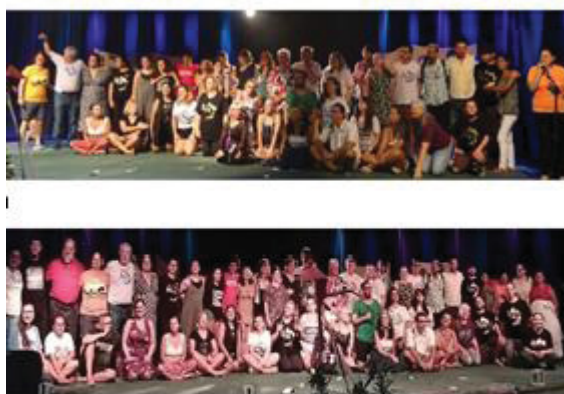
Morin (1999) afirma que o amor não é dotado de propriedade, nunca podemos saber se estamos cegos ou ultra-lúcidos, mas a afetividade é um componente fundamental da inteligência humana o amor está presente nela, na curiosidade e no conhecimento da verdade. O amor é extremamente simples fruto da complexidade, no amor ocorre da união mística e biológica do ser humano. Para o autor compreender o amor é extremamente complexo, mas vivê-lo, reconhecer que o amor é simples, basta unir os dois reconhecer a complexidade e a simplicidade.

Não posso trabalhar sem ser alimentado pelo amor, isto quer dizer que não vivo sem amor, do contrário não teria energia intelectual de que preciso para produzir uma obra (...). Acho que o amor alimenta o espírito. Computadores fazem operações lógicas que nenhum espírito é capaz de fazer, mas lhes falta sensibilidade que alimente essa inteligência, isto é, uma experiência existencial; falta-lhes sofrer e fruir

profundamente: falta a capacidade do amor (MORIN; 1999, p.194).

Para Vasconcellos (2012) educadores são sujeitos de transformação, abrindo novas possibilidades na forma de ser da escola. No fundo, o que está em questão é uma mudança de atitude, que, apesar dos riscos de sermos mal interpretados, pode ser expressa numa palavra: amor.

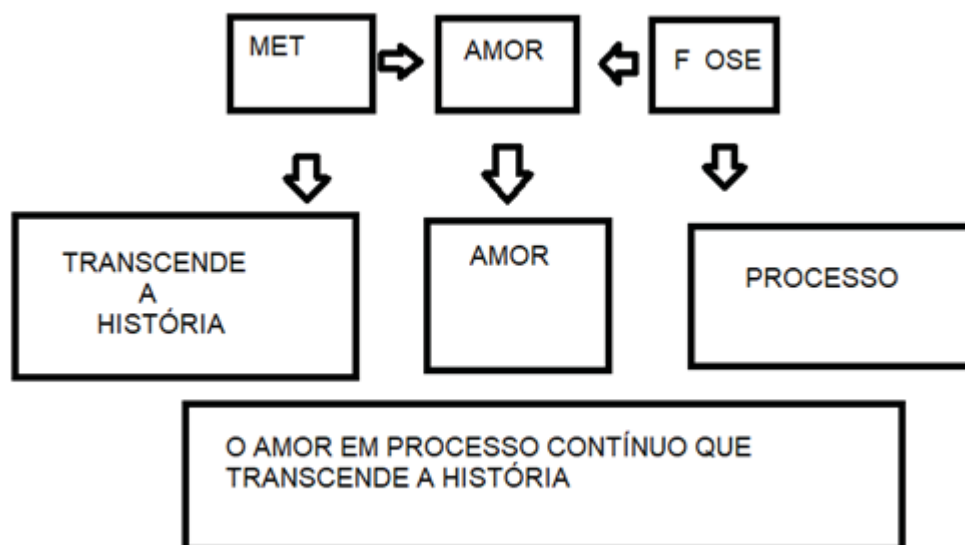
Figura 17 TURMA ANE 2019



ANE - 2018
FOTO: Samyra De Lourdes Stephan

Ao intitular esse Memorial de Metamorfose descartei a possibilidade de utilizar a palavra transformação, nos dicionários essas palavras são colocadas como sinônimas, porém as vejo com significados diferentes. Uma pessoa que se transforma pode (des) transformar e quem sofre uma metamorfose jamais voltará à forma inicial. Observe:

Figura 18. METAMORFOSE



Fonte: Vandra Feretti

Ao iniciar ANE senti-me acolhida como se me aconchega-se em um casulo de reflexões sobre: os outros, o planeta, as classes, o colonizador interno, paradigmas, vida, espiritualidade, sonhos, verdade, orgulho, humildade. Ao sair do casulo vê-se o todo agora alto e de fora.

As atitudes são outras se nega convivência à ações mecânicas, à severidade, fragmentação, aos paradigmas conservadores e obsoletos. Dedicase a multiplicação e proposição de uma pedagogia inovadora que fomente alunos críticos, reflexivos, instigadores, com base em um enfoque mais holístico em prol da construção de uma sociedade mais justa e humana onde todos estamos entrelaçados por meio da colaboração e dialogo.

REFERÊNCIAS

ARRIAL, Luciana Roso e CALLONI, Humberto. Concepções de ética e de solidariedade: anúncios de uma epistemologia da complexidade para a educação ambiental (2015). Disponível: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/5323>. Acesso 11/março/2020.

CAVALLET, Valdo José. Educação Formal e Treinamento: confundir para doutrinar e dominar. Revista Diálogo Educacional, vol. 1, núm. 2, julho-diciembre, 2000, pp. 1-7. Disponível: <https://www.redalyc.org/pdf/1891/189118252004.pdf>. acesso: 11/março/2020.

CAVALLET, Valdo José. Autonomia, responsabilidade e solidariedade. (informação verbal)

FREIRE, Paulo. Conscientização. Tradução Tiago José Risi Leme. São Paulo, Cortez, 2018.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17ª edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. O Papel da Educação na Humanização. Revista Paz e Terra, Ano IV, nº 9, Outubro, 1969, p. 123-132.

GADOTTI, Moacir. Pedagogia da Práxis. São Paulo, Cortez: Instituto Paulo Freire, 1998.

GONÇALVES, Aline. Especialização no Setor Litoral estimula formas inovadoras de educação. Superintendência de Comunicação Social , 11 de junho de 2018 .Retirado do site: <https://www.ufpr.br/portafulpr/noticias/especializacao-no-setor-litoral-estimula-formas-de-educacao-inovadoras/> acesso: 05/março/2019.

HERNANDEZ, Fernando. Transgressão e mudança na educação: os projetos de Trabalho. Porto Alegre, ArtMed,1998.

MATURANA, Humberto . Cognição, ciência e vida cotidiana. Organização e tradução Cristina Magro - Víctor Paredes. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2001.

MATURANA, Humberto & REZEPKA, Silma Nisis de. Formação Humana e Capacitação. Petrópolis, Vozes, 2000.

MORIN, Edgar O método 6: ética / Edgar Morin; tradução Juremir Machado da Silva. 5.ed. -- Porto Alegre: Sulina, 2017.

MORIN, Edgar. É preciso ensinar a compreensão humana. Fronteiras do Pensamento Programa Milênio - 05.03.2015. Disponível: <https://www.frenteiras.com/entrevistas/edgar-morin-compreensao-humana>. Acesso: 10/março/2020

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva. 1ª edição São Paulo, Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2014.

MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento / Edgar Morin; tradução Eloá Jacobina. - 8a ed. -Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORIN, Edgar Sociologia do conhecimento.(1921) O Pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade. Organizadores Alfredo Pena-Veja e Elimar Pinheiro de Almeida. Rio de Janeiro :Guaramond,1999.

RIOS. Terezinha Azerêdo. Ética e competência: Política, responsabilidade e autoridade em questão. São Paulo, Cortez, 2013.

RIOS, Terezinha Azerêdo. A presença da filosofia e da ética no contexto profissional. Organicom, ano 5, n. 8, p. 79-88, 2008. Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/138969/134317>. Acesso em: 17 de janeiro de 2020.

ROGERS, Carl R. Tornar-se Pessoa. 6ª Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

SILVA, Valentim da. Como romper com a ideia de Paradigma já construído na pessoa. 2018 (informação verbal)

VASCONCELLOS, Celso. GANDIN, Danilo. GENTILI, Pablo. PARO, Vitor . A quem interessa a democratização da escola?: Reflexões sobre a formação de gestores. Rio de Janeiro, Editora Outras Letras, 2012 .

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Avaliação da Aprendizagem - Práticas de Mudança: por uma práxis transformadora. São Paulo: Libertad, 2003.